

# Os desafios dos jovens maias de Ixcán na Guatemala de hoje

Adriana Ines Nones<sup>1</sup>

---

## Resumo

Com este artigo busco retratar as condições sociais vivenciadas pelos jovens Maias do município de Ixcán, na Guatemala. A diversidade de expressões juvenis é a conjunção de distintas vivências sócio-históricas tanto presentes quanto passadas. O processo de colonização espanhola subjugou o povo Maia conferindo-lhe uma posição de inferioridade na constituição da sociedade guatemalteca e obrigando-o a assumir um modo de vida diferente, contrastando com sua cultura tradicional. A exploração da mão de obra alicerçou a economia do país e deixou o povo numa situação de pobreza e exclusão social. Os 36 anos de guerra civil usurpam o sonho dos Maias que migraram a Ixcán em busca de terra. Os traumas perduram ainda hoje nos adultos que viveram o conflito, sendo visíveis nas relações sociais desses jovens que carregam, no coração e na mente, as imagens e os ruídos dessa guerra. Mostro como os meios de comunicação têm interferido nos modos de ser jovem.

**Palavras-Chave:** Guatemala; povo Maia; juventude

## Abstract:

This essay presents the social conditions experienced by Mayan youngsters from the municipality of Ixcán, Guatemala. The diversity of young expressions is the conjunction of divers socio-historic livings from the present and the past. The process of Spanish colonization subjugated the Mayan people, giving them a position of inferiority in the constitution of the society, obliging them to assume a different way of life. The exploitation of the workforce strengthened the economy and left the people in a condition of poverty. The thirty six years of civil war usurped the dream of the Mayans who migrated to Ixcán in the search of land. Today, the adults who experienced the conflict carry traumas that are visible in the conflicting social relationships. The marks of the war are present in the youth mind. The media delineate new interconnections in the different youth outlook.

**Keywords:** Social conditions; Mayan people; youth

---

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Santa Catarina. Possui Mestrado em Ciências Sociais - Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação da Professora Doutora Lúcia Helena Vitalli Rangel. E-mail: adrinones@hotmail.com.

A diversidade das expressões juvenis vivenciadas no cotidiano da Guatemala levou-me a uma reflexão sobre as condições de vida dos jovens Maias. Essas expressões ocorrem a partir da conjunção de distintas vivências sócio-históricas, tanto presentes como passadas e que têm se transformado com o tempo.

Entre os anos 2004 e 2010 vivi e trabalhei com jovens de comunidades católicas da Paróquia Cristo Redentor, no município de Ixcán, na Guatemala. O convívio desses seis anos me permitiu conhecer a maioria dos moradores das aldeias, sua vida e organização comunitária, a realidade sócio-político-econômica das famílias, além de poder atuar em projetos educacionais na área da saúde e de comunicação radiofônica. Nesses anos senti que muitos jovens haviam rompido os muros do medo que não os deixava falar sobre suas vivências, o que me permitiu participar de suas histórias e experiências, e assim conhecer a diversidade de vida desses jovens.

A Guatemala é um país localizado na América Central e caracteriza-se por uma extensa variedade de recursos naturais. A existência de vulcões, os diferentes climas que variam segundo a altitude e as antigas construções maias oferecem um rico e diversificado panorama.

A organização dos países da região centro-americana e do México, a partir da independência da Espanha em 1871, fez com que cada um tivesse uma organização político-administrativa própria. A Guatemala assumiu o modelo político ocidental republicano, que tem o presidente como chefe de Estado. O território é dividido em Departamentos com um governador nomeado pelo presidente da república e os municípios tem um alcaide e um conselho municipal, eleitos pelo povo. Geográfica e administrativamente os municípios estão organizados em aldeias e zonas com seu respectivo alcaide comunitário (ou alcaide auxiliar) e aguaziles<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> O alcaide corresponde à figura do prefeito, que é auxiliado pelo alcaide comunitário ou alcaide auxiliar e seus auxiliares, os chamados *aguaziles*, eleitos a cada ano

Hoje a Guatemala se reconhece como um país multiétnico, multilíngue e pluricultural, onde convivem quatro grandes povos: Maia, Xinka, Garífuna e Ladino. Existem 25 línguas, sendo que dessas, vinte e duas têm origem maia: achí, akateko, awakateko, ch'orti', chuj, itza', ixil, kaqchikel, k'iche', mam, poqomam, popti' (jakalteco), mopan, poqomchi', q'anjob'al, q'eqchi', sakapulteko, sipakapense, tektiteko, tz'utujil, uspanteko e chalchiteko. Há também a língua xinka e a garífuna. O espanhol é a língua oficial. Segundo dados do Instituto Nacional de Estadística (INE), a Guatemala é considerado um país jovem, com 68% da população com idade menor que 30 anos.

A área de Ixcán, desde a época dos Maias, figurou como região de grande mobilidade e de grande diversidade de povos. Os intercâmbios levavam a novos conhecimentos, aptidões, experiências, ressignificando crenças e o sentido de pertença, e produzindo múltiplas formas de convivência e organização social. Com uma nova divisão político-administrativa, ocorrida em 21 de agosto de 1985, essa área foi elevada à município, fazendo parte do Departamento de Quiché.

Ixcán possui sete microrregiões, divididas em 175 aldeias. A sede do município está em Cantabal, que também atende pelo nome de Zona 1 ou Playa Grande. Quanto à cultura, o município de Ixcán apresenta a mesma diversidade cultural que existe no país.

## **O povo Maia**

O povo Maia vive, desde a era pré-colombiana, numa região que compreende parte da América Central e do México. Estava organizado em cidades, com centros religiosos e palácios, com

---

pela aldeia e que são confirmados pelo alcaide municipal. Todos esses têm o papel de manter a ordem e o desenvolvimento da comunidade.

uma arquitetura que data de três mil anos. Mantinha estreita relação com outros povos da região centro-americana. Cultivava milho, feijão, cacau, abóbora, sendo a caça e a pesca uma atividade secundária. O aumento da população gerou o desenvolvimento de uma sociedade hierarquizada e de classes sociais. Surgiram trabalhos de artesãos, arquitetos, pintores, artistas, especialistas na produção e nos serviços. A produção, especialmente do milho, diversificou-se e a comercialização de produtos intensificou-se pelo intercâmbio com outros povos. Os Maias criaram um sistema sofisticado de escrita com hieróglifos, registrando a vivência religiosa, as proezas guerreiras e sua história. A contagem do tempo era feito através de dois calendários cíclicos, de caráter religioso e civil e que organizava o tempo das festas religiosas, os períodos de plantio, colheita, caça, pesca, e interpretava o destino da pessoa conforme a data de seu nascimento, como um horóscopo. Na atualidade, concentra-se basicamente na Guatemala e sul do México.

Segundo um texto da *Asociación Guatemalteca de Alcaldes y Autoridades Indígenas*, a cosmovisão do povo Maia ainda se baseia na relação harmoniosa dos componentes do universo, nos quais a pessoa é parte integrante desse conjunto. A terra é a mãe que dá a vida e o milho, um símbolo sagrado, arcabouço de sua cultura. Esse legado foi transmitido através das gerações por meio da escrita, da produção de materiais, estatuetas, pinturas, louças, e, sobretudo, pela tradição oral, em que a mulher teve papel destacado. A solidariedade, o respeito aos semelhantes e a concepção de autoridade, baseada em valores morais e éticos, são princípios organizadores comunitários que invoca todos à responsabilidade pelo grupo (AGAAI, 1997, p. 68).

O processo de colonização espanhola, no início do século XVI, provocou mudanças estruturais na vida desse povo que,

excluído como sociedade, teve de assumir o modo de vida que o colonizador lhe apresentou para fazer parte da história desse novo país, que incluía a religião, a vestimenta, a língua e a organização social.

Entretanto, os Maias resistiram quanto à adoção das novas formas de cultura, língua e religião católica trazida pelos espanhóis. Persistiram em suas práticas religiosas como forma de oporem-se à conquista espiritual por parte do colonizador. Muitos cumpriam a obrigatoriedade da fé católica que lhes era imposta, porém, em segredo, praticavam seus rituais e oferendas religiosas, especialmente os de plantio, colheita, nascimentos e casamentos.

A exploração da mão de obra indígena foi o alicerce da economia, do controle político e da exploração colonial através do sistema de *encomiendas* e *repartimientos*. Estas instituições tinham o propósito de repartir as terras e os indígenas que nelas trabalhavam. Os indígenas eram “encomendados”, ou seja, entregues a patrões que velariam por sua catequese. Mais tarde, as *encomiendas* colocaram os indígenas como tributários do rei de Espanha e o *repartimiento* dava ao administrador espanhol o direito à exploração da força de seu trabalho. Esse foi um pretexto para segregar e explorar os indígenas o que, na prática, significava escravizá-los. Mais tarde, foi suprimido pela própria colônia por causa do alto índice de mortalidade.

A sociedade colonial guatemalteca constituiu-se por meio de processos complexos de violência, domínio, imposição de um sistema que os tornavam inferiores. É importante salientar que a conjuntura de hoje evidencia as consequências desses processos e reflete-se na configuração das relações sociais entre os diferentes povos que convivem no país. Assim foi a descrição de Marcus<sup>3</sup>, 18 anos, que se sentiu discriminado:

---

<sup>3</sup> Os nomes dos jovens são fictícios, assim como outros nomes citados em histórias ou situações.

No hace muchos días yo tenía la experiencia de tener una conversación con una persona y hablábamos de los *marranitos*. Hay *marranitos* que son de categoría, de clase. Son más caros que los *marranitos* que comen tierra. Y, bueno, hay una gran diferencia. Y esa persona decía que hasta en *marranos* hay categorías. Yo le digo, sí. Pero de todas maneras son *marranos*. *Marrano* nació, cochito muere [Porco nasceu, suíno more - risos]. Lo seres humanos también a pesar de tener colores distintos, somos hechos por un Supremo. Y, bueno, sí, de críticas, las he recibido. El hecho que uno sea indígena, le digan indio o hasta ignorante. Pero, yo sé que no tienen la razón. Y, precisamente por eso, yo casi nunca respondo a lo que me digan. **Yo sé lo que soy**. Y, bueno, me siento muy satisfecho de serlo (NONES, 2011).

Marcus, ao afirmar que “yo sé lo que soy” não oculta seus vínculos de pertencimento à civilização Maia. Diferente de um jovem Q’eqchi’, de 15 anos que, ao apresentar-se em público, apenas diz seu nome e o sobrenome da mãe, que é Ladina<sup>4</sup>, ocultando o do pai, que é Q’eqchi’. Ao ser questionado se é Q’eqchi’ e se fala a língua paterna ele, mesmo constrangido, reconhece que sim, mas que se sente tranquilo apresentando-se somente como Ladino (NONES, 2011, p. 137-138). Os exemplos mostram dois movimentos. No primeiro há o de reconhecimento; no segundo, o de ocultação dos vínculos de pertencimento porque as relações sociais na Guatemala, estabelecidas desde a época colonial, geraram discriminação.

NÚÑEZ explica que, introduzido pelo poder colonial, o termo *ladino* foi concebido para organizar a política econômica em torno de um grupo que crescia marginalizado, não era tributado e para o qual não existiam políticas econômicas e nem integração política (2006, p. 4).

<sup>4</sup> O povo Ladino constituiu-se a partir do processo de colonização.

Será no século XIX, como afirma ARRIOLA, que a Guatemala se constituirá numa sociedade polarizada em índios e ladinos:

A sólo 27 años de la independencia, al menos en una región donde la presencia indígena es mayoritaria, el calificativo criollo ha desaparecido de la clasificación social y demográfica. El *ladino* es aquel que no es indio, con una procedencia de lo español e inmerso en los valores de Occidente (ARRIOLA, 2006, p. 9-10).

O que propicia esta mudança é o desenvolvimento econômico de uma parte da população ladina que passou a incidir na política e na economia do país, especialmente na produção de café. O conceito mestiço desaparece e se estrutura uma nova classe social. “La estadística divide a la población en indios y ladinos. Ladino es lo contrario de indio” (ARRIOLA, 2006, p. 10).

Apesar dos avanços após os Acordos de Paz, em 1996, que reconheceram a diversidade dos povos, o resquício desse movimento da organização social colonial continua transitando no imaginário das pessoas e mexe com as relações sociais, conforme aparece nas diferentes situações de discriminação, ou quando assume apenas um vínculo de pertença, como no caso do jovem Q’eqchi’. Ou como se vê na declaração de Rose que se sente diferenciada e desconsiderada como jovem pelo simples fato de ser indígena e usar o traje típico: “Como joven indígena sí me siento diferenciada hacia los demás. Por el traje que nosotros usamos. Es diferente y también por el idioma” (NONES, 2011).

O depoimento desta jovem Q’anjob’al é presenciado em inúmeras cenas de desconfiança, humilhação, descaso para com as pessoas maias que se acercam das repartições públicas ou frequentam espaços sociais do estrato mais alto da sociedade. Também o uso da expressão “índio” remete diretamente à

discriminação e à vinculação com a civilização mesoamericana que, na lógica colonizadora, necessita ser integrada à sociedade.

O modelo social vivido pelo povo Maia ainda os diferencia dos demais. O que verificamos na Guatemala, em especial em Ixcán, é algo semelhante ao modelo de sociabilidade baseado na correspondência entre o ciclo de vida e os papéis exercidos pelas pessoas, e que se diferenciam em cada povo. Essa correspondência pode ser percebida na prática dos rituais, nos momentos do preparo e plantio da terra; das cerimônias realizadas por ocasião do nascimento de uma criança, de um casamento, ou na construção de uma casa. O espanhol normalmente é a segunda língua, porque no ambiente familiar e em várias aldeias as pessoas utilizam a língua da comunidade a qual pertencem. Os papéis sociais são bem definidos e remetem às observações feitas por RANGEL sobre os povos indígenas que vivem em território brasileiro, mesmo que seja em outro contexto:

(...) pode-se dizer, de forma genérica, que o modelo de sociabilidade está baseado, de certo ponto de vista, em uma correspondência entre o ciclo da vida e as funções e papéis exercitados pelos indivíduos. Desse modo as etapas etárias - infância, maturidade e velhice - equivalem a posições sociais bem definidas (RANGEL, 1999, p. 147).

Normalmente, os rituais são realizados pelos anciãos da comunidade. Eles ocupam lugar de fundamental importância. É deles o papel da transmissão dos valores, práticas, costumes, conselhos. O espaço dos jovens é o do aprendizado e ocorre por meio de participação e prática quando solicitados a colaborar nos trabalhos. Ao mesmo tempo, os jovens acentuam que o aprendizado se faz pela oralidade: na escuta de histórias,

contos, anedotas, de como era a vida no passado; de conselhos e orientações sobre usos e costumes, e do modo como os anciãos viveram sua etapa juvenil. Na escuta e no aprendizado dos anciãos, os jovens vivenciam o modo de vida do povo Maia e constroem uma descrição diferente do mundo. Mesmo com a forma diferente de vida e de referência, os indígenas, na Guatemala, vivem, economicamente, como os demais povos.

Apesar de a independência libertar os povos indígenas da colônia, a instabilidade política permitiu a continuidade da exploração, muitas vezes nos moldes da colônia, porque a configuração política da Guatemala foi caracterizada por constantes mudanças de governo, golpes militares e golpes de Estado e assassinatos de presidentes. Bem como a implantação de diferentes regimes governamentais: liberal, ditatorial, conservador, revolucionário, moderado e democrático.

As transformações políticas, sociais, econômicas e culturais proporcionadas pelo movimento revolucionário, entre 1944 e 1954, amenizaram o controle sobre os camponeses pobres, indígena e ladino. A civilização Maia, renegada por séculos, foi reconhecida e teve seus direitos garantidos. Em 1945 foi elaborada a nova Constituição que estabeleceu o direito ao salário mínimo, a dias de trabalho com horas estabelecidas, descanso e férias e criação de sindicatos. A nova vida política deu oportunidade para que os jovens dela participassem e fossem eleitos a cargos locais fora do sistema tradicional de hierarquia cívico religiosa.

A promulgação da lei de Reforma Agrária sob o Decreto 900 revogou as leis que favoreciam o trabalho não voluntário e a prestação pessoal gratuita no campo. Desenvolveu-se métodos capitalistas de produção na agricultura, além de preparar caminho para a industrialização da Guatemala.

A educação foi ampliada tanto no nível primário quanto no

universitário e houve campanhas de alfabetização. A oportunidade de cursar o ensino médio e superior permitiu a alguns Maias ocuparem cargos de responsabilidade e desempenharem profissões de prestígio, porque o campesinato os colocava num patamar inferior. Outros tiveram êxito empresarial, agrícola e comercial, o que lhes trouxe aumento de poder e riqueza. Além da emergência do Movimento Maia, surgiu o Instituto Indigenista Nacional, o Instituto de Antropologia e História e a nova instalação do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, além de outras iniciativas voltadas à educação e à cultura.

As decisões e os rumos seguidos pelo movimento revolucionário levaram o movimento anticomunista a organizar uma contrarrevolução que levou, em 1954, à renúncia do presidente Arbenz. “Após a fuga de Arbenz, a embaixada de Estados Unidos entregou a presidência da República a Carlos Castillo Armas, o coronel porta-estandarte do anticomunismo” (GRANDIN, 2004, p. 60). Anulou-se a Constituição vigente e a Lei de Reforma Agrária e efetuou-se prisões, torturas, mortes e exílios.

Nos anos posteriores, a economia esteve marcada pela integração centro-americana e a diversificação agrícola. Foram abertas empresas e indústrias de alimentos, têxteis, medicamentos e produtos químicos, muitas delas em mãos de multinacionais. Na agricultura, o desenvolvimento se deu com a produção de verduras e frutas. A diversificação para exportação favoreceu o algodão, cana-de-açúcar, gado, cardamomo e flores. A produção de café sofreu diminuição, mas houve melhoras no sistema de comunicações, ampliação da telefonia e abertura de estradas.

Castillo Armas, assassinado em 1957, foi substituído por Ydígoras Fuentes que continuou a linha anticomunista do antecessor. Foi um misto de populismo demagógico, corrupção e ineficiência. Como jogada política, o governo permitiu certa

liberdade de imprensa e a volta dos exilados de 1954. Seguiu-se o remanejamento de terras para os camponeses e a criação do Instituto Nacional de Transformación Agraria (INTA), encarregado dos projetos de colonização.

### **A Guerra civil: entre o sonho pela terra e a grande fuga para o exílio.**

O sonho da terra representou um movimento importante e milhares de famílias chegaram ao Ixcán entre as décadas de 60, 70 e 80 do século XX. A terra era a esperança de melhores condições de vida para as famílias camponesas, em sua maioria Maia, que queriam viver com dignidade e paz. Em 1954, com o fim da década revolucionária, o retrocesso do processo de reforma agrária prejudicou a população: as famílias foram expropriadas de suas terras por causa da política de expansão agrária que visava favorecer a economia do país por meio de grandes produtores. Dentre os novos acordos do governo e os objetivos da política de expansão agrária, estava a exploração de terras ociosas de regiões do território nacional que permaneciam à margem da atividade econômica como era o caso de Ixcán. O INTA, encarregado dos projetos de colonização do governo era responsável por transformar estas terras em áreas agrícolas. A partir das décadas de 1960 e 1970 ocorreu maior afluência de população para essa região. Essa política transferiu grandes grupos de camponeses, na sua maioria indígena, para regiões distantes que não possuíam meios de comunicação e serviços básicos de saúde e educação. O programa de colonização foi apoiado pela Igreja Católica e pelos projetos de desenvolvimento financiados pela estadunidense *Alianza para el Progreso* que influenciaram este trabalho com um modelo de organização cooperativista e de tecnologia agrícola.

Em meados da década de 1960, a ordem católica de Maryknoll encarregou-se, com a ajuda da diocese de Huehuetenango e com a colaboração do INTA, da administração do primeiro projeto de colonização na região de Ixcán Grande. Nas décadas de 1970 e 80, muitas pessoas imigraram para Ixcán. Jovens, motivados pela possibilidade de possuir terra, que garantisse o futuro da família que desejavam constituir, e para livrarem-se do ciclo de migração ao litoral sul onde iam trabalhar nas fazendas. Porém, o que não esperavam era deparar-se com a guerra. Para muitos, não havia alternativa porque a vida em seus lugares de origem mostrava-se muito difícil.

A ebulição de movimentos políticos em vários países na década de 1960 e a instabilidade política em que vivia Guatemala fez eclodir a guerra civil. Apesar da aparente melhora econômica trazida pela modernização, permaneciam as injustiças sociais, a opulência da oligarquia, o desemprego e o empobrecimento da maioria da população. Nessa época ocorreram as primeiras ações revolucionárias, inspiradas no triunfo da revolução cubana de 1959, que em pouco tempo provocariam mudanças no panorama político do continente.

Os primeiros grupos rebeldes guatemaltecos fracassaram e foram reprimidos pelo exército. A primeira guerrilha surgiu de um levante de militares que se contrapunham às práticas corruptas dos funcionários públicos e ao alinhamento do exército e do Estado à lógica da Guerra Fria. O levante foi controlado pelo governo com o apoio dos Estados Unidos.

Nadécadade 1970, surgiu a Nueva Organización Revolucionaria de Combate (NORC). Como observa SABINO, “El grupo guerrillero se había organizado con militantes provenientes de las FAR, pero que, debido a las constantes divisiones y luchas internas, ya no pertenecían a la organización” (2009, Tomo II, p.177). Quase

todos os membros do grupo atuavam nas guerrilhas na parte norte oriental e compunham-se por ladinos da cidade, da pequena e média burguesia, formados na política, na universidade e nas organizações revolucionárias, influenciados pelo messianismo guevarista e pelo modelo castrista.

Em janeiro de 1972 um grupo de 15 homens, que treinava em Chiapas, no México, retornou à Guatemala, adentrando pela selva de Ixcán e adotando o nome de Exército Guerrilheiro dos Pobres (EGP). Na mesma época, Rodrigo Asturias, filho do escritor Miguel Ángel Asturias, rompeu com as FAR e criou a Organización Revolucionaria del Pueblo en Armas (ORPA). Seu movimento revolucionário tinha como referência as questões indígenas e enfatizava o caráter racista da sociedade guatemalteca. Entre seus objetivos estava o acesso dos indígenas à plena cidadania. O objetivo da ORPA e do EGP era tomar o poder. Devido a isso, os movimentos guerrilheiros ganharam apoio popular urbano e dos camponeses.

No dia 31 de janeiro de 1980 houve o incêndio da embaixada da Espanha, quando morreram mais de 35 pessoas, fato que revelou ao mundo a situação do país. No mês de julho, a Igreja Católica se retirou do Departamento de Quiché e no decorrer do ano aconteceram muitas ações violentas por parte dos insurgentes, do governo e dos grupos paramilitares ligados ao governo. No segundo semestre de 1981, o exército intensificou a contra ofensiva em quase todas as áreas rurais ao empregar batalhões de infantaria. A guerrilha não pôde resistir e abandonou muitas regiões onde detinha o poder.

Várias pessoas que se encontravam no meio do conflito fugiram para outras regiões do país ou para o México. Silvia, ao relatar a história de sua família vítima da guerra, demonstrou a experiência que muitos vivenciaram:

En la familia de mi papá eran dos en sí. Tenía otra hermanita que, en este entonces, tenía como cuatro o cinco años cuando ellos [los abuelos] murieron. Pues, ellos [los dos hermanos], huyeron hacía la montaña. Mi papá se refugió a México y mi tía se quedó con algunas otras personas bajo la montaña. (...) Mi papa tenía, creo como más menos doce años. (...) Estuvo también un tiempo bajo la montaña como guerrillero y, luego se fue a México.

[Y su tia] Sí, logró sobrevivir. Ella quedó con algunos paisanos bajo la montaña que, a la población que se le dice CPR<sup>5</sup>, la población en resistencia. Y ella creció con una familia que no es parte de la nuestra. Simplemente hicieron el favor. Pues ella ahora está casada (NONES, 2011).

No final de 1981 a violência seletiva se transformou em terror indiscriminado: assaltos às casas, massacres coletivos, assassinatos de líderes, generalizado racismo. Em março de 1982 o general Aníbal Guevara assumiu o poder e instituiu as Patrullas de Autodefensa Civil (PAC), grupos paramilitares que reuniam os homens para envolvê-los em ações repressivas e de controle da população. Recebiam armas e eram encarregados de vigiar as comunidades. Ao final da década de 1980 chegaram a novecentos mil efetivos. Após um golpe militar, em junho, foi substituído por Efraín Ríos Montt que pertencia à comunidade evangélica *El Verbo*<sup>6</sup>.

Em seu governo, Montt criou o *Plano Victoria 82*, que tinha como objetivo o programa contrarrevolucionário, denominado *Seguridad*

---

<sup>5</sup> Comunidades de Población en Resistencia.

<sup>6</sup> O protestantismo chegou à Guatemala a partir do século XIX propiciado pelo movimento liberal que permitiu a liberdade de culto no país. Assim como outras instituições civis e religiosas, a comunidade evangélica *El Verbo*, proveniente do norte da Califórnia, EUA, estabeleceu-se na Guatemala por ocasião do devastador terremoto de 1976. Ríos Montt, como afanado praticante, utilizou suas convicções religiosas na vida política para incidir sobre a população.

y desarrollo, cuja estratégia de “*tierra arrasada*”, era acabar com os guerrilheiros e seus colaboradores. Diziam que era “deixar o peixe (guerrilha) sem água”, isto é, sem meio de vida e de sustento. Comunidades e regiões foram marcadas por cores. Algumas foram poupadas e outras destruídas totalmente. As piores violências incluíam estupros de mulheres diante dos maridos e filhos, crianças lançadas contra rochas diante dos pais, extração de órgãos e fetos, amputação das genitálias e membros, estupros múltiplos e em massa e queima de pessoas vivas. Houve também a destruição de locais cerimoniais do povo Maia e o uso de lugares sagrados para as práticas de torturas. Poderia-se alongar esta lista...

Em seguida o governo estabeleceu os chamados *polos de desenvolvimento* e *aldeias modelo* como alternativa às zonas de terra arrasadas. Como observa MUÑOZ,

Con este propósito se aplicó el programa llamado primero ‘Fuziles y frijoles’ (es decir, armas y alimentos) y luego ‘trabajo, techo y tortillas’, a fin de demostrar a la población que quienes colaboraban con el gobierno y el ejército tenían no sólo su protección sino la garantía de techo y alimentación en los ‘polos de desarrollo’ y las ‘aldeas modelo’, construidos y controlados por el ejército (1998, p. 351).

Em 1982, a guerrilha anunciou sua unificação com a União Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG) composta pela ORPA, EGP e FAR.

Ríos Montt sofreu um golpe militar em 1983. Os anos posteriores inauguraram outros caminhos na vida do povo guatemalteco e dos Maias de modo particular. Em 1985 foi aprovada a nova Constituição que reconhecia a Guatemala como um país multiétnico, pluricultural e multilíngüe. A abertura

democrática, a partir de 1986, proporcionou o início das primeiras negociações para a implantação da paz e a Academia de Línguas Maias da Guatemala começou sua organização, mas foi reconhecida oficialmente em 1991.

Ixcán foi afetado pelo conflito armado interno no final da década de 1970 e início dos anos 80. Milhares de pessoas foram obrigadas a se deslocar fugindo da perseguição, da violência, do medo e do terror instalados na região. Este deslocamento provocou o abandono da terra, da produção agrícola e de suas habitações. Muitos se refugiaram no México, em diferentes lugares do país, além de se esconderem na mata. Com isso, toda infraestrutura produtiva ficou abandonada ou destruída pelos envolvidos no conflito armado.

Paulo lembra:

Eso de la guerra... es muy duro recordarlo a la vez. Yo nací en 1985, una época ya que había pasado ya la guerra más dura. Todavía, había efectos de la guerra. Había problemas, choques, habían tiroteos cerca de la comunidad, en la calle. Salíamos a cortar cardamomo y ya en los cardamomales nos quedábamos tirados bajo los palos para poder, para evitar que nos pegara las balas. (NONES, 2011)

A década de 1980 foi marcada pela presença e ação constante do exército, o estabelecimento das PAC, a presença de igrejas evangélicas e o desenvolvimentismo que compreendia programas complementares à colonização financiados por agências internacionais. O governo visava atender aos interesses da revolução verde, desenvolver a área da Franja Transversal do Norte e a extração petrolífera sem considerar as condições ambientais. O sonho da terra foi roubado pela guerra. Ixcán,

que representava uma esperança para muitas pessoas, tornou-se uma experiência de horror e traumas que perduram e refletem-se em histórias como a da senhora que, ao ouvir um helicóptero, abandonou a casa e se escondeu na mata.

Em 1992, Rigoberta Menchú Tum ganhou o prêmio Nobel da Paz por sua luta pela justiça social e o respeito pelos direitos dos povos indígenas. Em 1993 começaram os primeiros retornos organizados de refugiados vindos do México. Posteriormente, seguiram-se outros retornos e processos de pacificação envolvendo toda comunidade local, com o apoio da comunidade internacional em cooperação com o governo. Em 1994, recomeçou o processo de negociação entre o governo da Guatemala e a URNG com a assinatura do *Acuerdo Marco*. A participação ativa da sociedade civil e os movimentos em prol da Paz superaram as expectativas do exército.

Durante o ano de 1996, foram realizados importantes acordos entre governo e a URNG, entre os quais: o cessar fogo definitivo; o fortalecimento do poder civil; o desarmamento e desmonte das PAC. Sobre o regime eleitoral e sobre as bases legais da incorporação da URNG e a aprovação pelo Congresso da Lei de Reconciliação Nacional que estabeleceu anistia para os combatentes.

Em 29 de dezembro de 1996 foi finalmente assinado o *Acordo Final de Paz Firme e Duradoura* entre o governo e a URNG, acompanhados pela Misión de Verificación de las Naciones Unidas na Guatemala (MINUGUA). Iniciou-se, outra fase na história do país que agora tem o grande desafio de reconstituir relações marcadas pelas feridas dos períodos da repressão que deixaram mais de duzentas mil vítimas durante os 36 anos de guerra civil.

## Os jovens de Ixcán

Apesar de a Guatemala se reconhecer como país pluricultural, as desigualdades sociais são visíveis. Segundo dados da Encuesta Nacional de Condiciones de Vida – ENCOVI 2011, mais de 53% da população do país vive em estado de pobreza. Desses, no Departamento de Quiché, ao qual pertence o município de Ixcán, mais de 75% da população vive nesse estado de pobreza. Já a pobreza rural chega a mais de 76%. As políticas públicas para a juventude confirmam esses dados: a maioria dos jovens indígenas vive na área rural e em condições de pobreza.

O movimento migratório retrata a falta de perspectiva dos jovens que são obrigados a mobilizar-se para responder às suas necessidades básicas e para realizar seus sonhos. Muitos homens, a maioria jovens, trabalham como diaristas em fazendas no México, na faixa da fronteira, onde não necessitam o visto mexicano. Grande número de jovens, em especial os de cidadania mexicana, vão para Cancun e Playa del Carmen, também no México, trabalhar no turismo, no comércio ou na construção civil. A facilidade dessa movimentação geográfica propicia grande fluxo de jovens que migram em busca de trabalho. A situação econômica aliada à falta de incentivo ao trabalhador do campo, o desencanto com o trabalho agrícola, a falta de acesso à educação e o alto índice de pobreza não animam os jovens a permanecerem em suas comunidades. Essas condições despertam o sonho de ir para o Norte, numa migração para os Estados Unidos cruzando o México, como alternativa de vida e sustento. Na travessia, correm perigo de morte, de serem presos por estar sem documentos ou tornam-se vítimas dos atravessadores.

As marcas indelévels deixadas pela guerra fazem os jovens do tempo do conflito carregarem em suas mentes as imagens,

os ruídos e o medo que criam um bloqueio que os impedem de falarem e expressarem-se com liberdade. Como afirmou Carlos:

Antes era más difícil porque no había tanto apoyo. (...) Ahora ya vivimos más tranquilos. No como antes, teníamos que soportar todas las cosas. La guerra que sucedió. Segundo me cuenta mi papá, tuvieron ellos muchas crisis económicas. Por eso que no nos podían atender de una forma más agradable (NONES, 2011).

Para muitos, há a memória dos acontecimentos confusos que não podiam entender. As aldeias-modelo desenharam um estilo de vida muito regrado, conformista, baseado na obediência das normas e das leis da aldeia.

A guerra também rompeu os laços de pertencimento. Os jovens nascidos no México, no tempo do exílio, vivem a condição de serem, ao mesmo tempo mexicanos e guatemaltecos. A condição histórica desordenou os espaços sincrônicos e transformou os modos de vida desses jovens ao assumirem pertencer a dois países: são de um país pelo nascimento e estão ligados a outro pelo pertencimento. Muitos vivem esta experiência como um dilema. Outros pelo contrário, sentem a liberdade de poder fazer parte de duas nacionalidades e transitar com liberdade pelos dois países. É o que verificamos no depoimento de Silvia:

Pues, yo nací en el Estado de Chiapas, México por todos los antecedentes que ha habido acá en el país. En los tiempos del conflicto armado, mis padres se fueron a México, pues allá nací (...), conmigo es una historia. Creo que, bien lo tienen muchas personas. Hay dos situaciones en este caso. (...) Pues de natalidad tengo papeles, o sea, legalmente o políticamente diría. Sí mexicana porque nací en México y tengo papeles mexicanos. Y

soy guatemalteca porque mis padres son guatemaltecos (NONES, 2011).

O fluxo de jovens que viajam ao México é alto porque muitos têm cidadania mexicana. É comum irem ao México em épocas de eleições para votar, visitarem familiares ou trabalhar em terras que lhes pertencem.

A juventude do pós-guerra se desenvolve num ambiente que promove iniciativas comunitárias, de reconciliação e construção de processos de paz que proporcionam mais oportunidades educacionais, formativas e de participação. É uma contradição diante da conjuntura econômica do país que gera desemprego, violência e falta de perspectivas de vida.

As moças têm menos oportunidades de estudo que os rapazes. Os jovens que estudam, casam-se muito mais tarde do que aqueles que não estudam, havendo também jovens na prostituição e nas drogas.

A maioria dos jovens de aldeias multiétnicas fala espanhol, sendo poucos os bilíngues. Para muitos a língua materna é entendida, mas não falada. Os jovens que vivem mais próximos ao centro do município possuem mais oportunidade de avançar nos estudos. Lia, K'achiquel de 21 anos, é mãe solteira, trabalha como empregada doméstica e estuda. Vai e volta todos os dias da aldeia San Pablo, que fica a uns três quilômetros de Playa Grande, onde trabalha e estuda. Ela tem a mesma preocupação que muitos jovens: a construção da paz. A justificativa de seu trabalho de pesquisa/ação – realizado com um grupo de colegas como exigência para concluir o ensino médio em Ciências e Letras –, intitula-se “La construcción de la paz” e é baseada na percepção de que os jovens são os responsáveis pela paz por meio da construção de novas relações. (NONES, 2011, p. 105.114-115)

Os jovens que vivem no centro urbano possuem estilo diferenciado no vestir, nas expressões, na convivência social. O beijo no rosto ao saudarem-se, por exemplo, é mais usual do que numa aldeia mais distante onde esta prática não existe, salvo entre os estrangeiros ou entre os jovens que saíram para estudar fora. Essa juventude têm em comum o desejo de estar relacionada: “Necesitamos conocernos, compartir experiencias y saber cómo cada quién vive en su aldea” (Id., Ib. p. 16), concluíram os coordenadores de grupos juvenis, em 2008, após conhecer diferentes realidades da vida dos jovens.

Os estudos sobre juventude demonstram que ela está alicerçada na condição histórica e social, nos diversos estilos de vida e nas práticas sociais. É importante reconhecer sua diversidade e suas transformações e convocá-los a assumir um olhar que os leve a serem participantes ativos na construção de sua identidade e de sua cultura, desde os lugares sociais que lhe são conferidos.

As políticas públicas para a juventude, por meio da Política Nacional de Juventude, reconhecem os jovens como protagonistas centrais do desenvolvimento, sujeitos sociais do presente, agentes de mudança, cidadãos ativos, sujeitos de direitos e de responsabilidades. Essas leis visam impulsionar o desenvolvimento integral do jovem e contribuir na construção de uma sociedade mais avançada e multicultural. Cobra-se dos jovens a responsabilidade pelo desenvolvimento do país. Em contrapartida, os jovens percebem que as políticas de governo, especialmente em relação aos povos indígenas, são pouco efetivas. João pensa que os governos não dão muita importância a esta questão e ficam apenas em palavras.

Que ellos dicen que respetan a los pueblos indígenas pero son mentiras y no todos guatemaltecos son indígenas

por de otros países que migran para enseñar otra cultura ladina o tradiciones y cambios en la vida y en pensarlo en la cultura maya ya no se puede lograr tanto (NONES, 2011).

Por sua vez, Silvio destaca a falta de atenção do governo: “Si hablamos de lo que es la salud, no hay un total abastecimiento para toda la gente, en la educación nos falta un poco más de apoyo en los recursos útiles” (NONES, 2011). José salienta que as palavras não se transformam em ações efetivas:

Bueno, en cuanto la política, los gobiernos lo toman solo en palabras a la práctica no. Sí, porque en Guatemala es un país multilingüe, pluricultural, se habla 21 idiomas mayas y también está los otros idiomas, como tal el idioma Xinca, Garífuna y castellano. Pero, algunas instituciones si trabaja el tema sobre los pueblos indígenas para fortalecer con su base de código OIT. (NONES, 2011)

A lentidão no desenvolvimento de políticas públicas e infraestrutura básica para o município geram diferentes sentimentos, preocupações, percepções. Luis sente alegria pelo fato da maioria serem pessoas indígenas. Marcus, ao contrário, inquieta-se

“porque regularmente otras culturas o personas de otras regiones excluyen mucho al Ixcán (...) Excluyen mucho a su gente, a sus costumbres (...) precisamente por querer demostrar de que también en Ixcán hay personas que tienen mucho emprendimiento para hacer cosas muy buenas”. (NONES, 2011)

Carla preocupa-se mais com o reconhecimento local “porque aunque algunas organizaciones o empresarios no toman en

cuenta nuestra etnia, basta con los y las que nos damos a conocer como indígenas mayas a nivel de Ixcán” (NONES, 2011).

Os processos de formação propiciados após os Acordos de Paz fomentam, nos jovens, uma visão mais crítica em relação às condições sócio-políticas de seu entorno. URTEAGA CASTRO-POZO (2008) enfatiza que esses processos foram favorecidos pela quantidade e qualidade de estudos com foco na juventude indígena com a tarefa de superar conceitos construídos sobre representações dos povos indígenas que não permitiam sua emergência.

A juventude não é um marco preciso, mas é necessário evidenciar o jovem como sujeito emergente porque “a categoria *jovens indígenas* está dentro de um quadro mais amplo de direitos coletivos dos povos indígenas nas Américas como um todo, e na América Latina em particular, dado que há países que são de maioria reconhecidamente autóctone (VALE & RANGEL, 2008, p. 254-255)”. Esse é o caso da Guatemala. Apesar da maioria dos jovens de Ixcán não se beneficiarem com as políticas públicas para juventude, os processos de formação têm gerado avanços nas percepções dos jovens sobre a realidade e as ações que possam ter. Como afirma Samira, “se toma en cuenta quizás muy poco, no en todo los momentos pero manifestando y exigiendo nuestro derecho como pueblo indígena ellos de todos modos nos tomarán siempre en cuenta, tenemos los mismos derechos” (NONES, 2011).

FEIXA (1996; 2010) aponta que o papel dos meios de comunicação, a emergência da era digital e as novas práticas políticas das últimas décadas, estimularam novas formas de subjetividade juvenil percebidas nas diferentes situações, transformações e interconexões nos jovens. Em 2004, quando vivia na aldeia Las Margaritas II, não existia lá mais do que um telefone comunitário, que nem sempre funcionava. O rádio era

o fiel companheiro que nos conectava com o mundo. A maioria das aldeias vivia nessa situação. Em Playa Grande não existiam mais do que dois ou três locais com acesso à internet e que nem sempre possuíam sinal.

Em um ano, apenas, houve como uma explosão nos meios de comunicação: iniciou-se a telefonia celular, a televisão foi entrando com sessões de cinema em vídeo cassete, movida com energia de motor a diesel até chegar a eletrificação rural e os aparelhos de DVD e a Tv a cabo. A Internet espalhou-se à medida que as empresas de telefonia instalavam antenas nas aldeias e vendiam pacotes de serviço. De fato, teve efeito de uma explosão porque a vida das aldeias mudou. Se antes, entre sete e meia e oito horas da noite, a aldeia já estava em perfeita calma e silêncio agora, o barulho, as conversas, brincadeiras, reuniões se prolongavam até altas horas da noite. Essas novidades eram usufruídas por todos, especialmente pelos jovens que sabiam ler, escrever e dominavam a língua espanhola. Como observa BALANDIER,

Dos anos 60 até hoje o império das comunicações adquiriu a dimensão do universal, impôs-se ao intensificar suas redes. A proximidade midiática instaura uma nova forma da presença do Outro. Revela não somente o que torna semelhante, na verdade desejável, e o que o constitui enquanto possível doador de recursos culturais, inspirador de modos de ser que a modernidade trata de ceifar, mas também como figura que inquieta e ameaça (1999, p. 17)

A dimensão do universal aparece na percepção dos jovens de que os meios de comunicação projetam e reforçam o padrão urbano, que irá influir em suas vidas. Silvia explica que “van

tomándolo como parte de su vida y por lo tanto esto viene afectar” (NONES, 2011). Rose diz que é uma relação paradoxal porque beneficia o desenvolvimento do município, especialmente da educação. Por outro lado, afeta a relação com os pais. De fato, como eles verificam, a comunicação dos “hijos con los padres ya se distancia un poco más de lo que ya estaba. Los jóvenes se mantiene ahí chateando con otras personas que tal vez ni ellos los conocen y les tienen confianza. (...) los hijos se van en otras cosas” (NONES, 2011).

Para Marcus, os meios de comunicação trazem mais comodidade e eficiência por causa da rapidez na comunicação e pelo uso do telefone ou do facebook: “está sucediendo algo en otro departamento o en otro país. Ocurrió un desastre. Hay una buena noticia. Rápido nosotros nos enteramos a través de la televisión. Eso sería lo eficiente y los beneficios para nosotros” (NONES, 2011). Ao mesmo tempo, “a través de Facebook podemos encontrar a personas, con una doble intención. También a través de los teléfonos muchas veces nos enfermamos poniendo auriculares en los oídos, nos volvemos adictos a la televisión, al internet” (Id., Ib.).

Para os jovens, os meios de comunicação não abarcam a temática dos povos indígenas e, quando ela aparece é como folclore ou algo típico de uma tradição do passado. Programas televisivos, radiofônicos, propagandas, músicas, filmes, seriados, desenhos animados mostram práticas da cultura globalizada que são muito diferentes daquelas de seu ambiente. Eles notam que estas práticas influenciam nas relações familiares porque impedem o intercâmbio familiar, espaço no qual acontece a transmissão dos saberes.

Essas diferentes realidades, sentidas e vivenciadas pelos jovens, delineiam a diversidade das expressões juvenis no Ixcán.

Os desafios vividos pelos jovens no movimento da vida cotidiana, ambiente que proporciona a constituição do conjunto significativo sobre si e sobre o mundo e janela pela qual fazem a leitura da vida, das coisas e dos acontecimentos, despertam sonhos e esperanças. Sonhos esperançosos que gritam a existência de modos diferenciados de viver em sociedade e nos chamam a construir, juntos, esse caminho de convivência.

### **Bibliografia**

AGAAI - Asociación Guatemalteca de Alcaldes y Autoridades Indígenas. 1997. *Guatemala: los acuerdos de Paz*. Guatemala: Fundación Maya-FUNDAMAYA.

Álvaro Arzú Yrigoyen. <[http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias\\_lideres\\_politicos/america\\_central\\_y\\_caribe/guatemala/alvaro\\_arzu\\_yrigoyen](http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias_lideres_politicos/america_central_y_caribe/guatemala/alvaro_arzu_yrigoyen)>. Consultado em 23/06/2013.

Anexo: lista de presidentes da Guatemala. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista\\_de\\_presidentes\\_da\\_Guatemala](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_presidentes_da_Guatemala)>. Consultado em 23/06/2013.

ARRIOLA, Arturo Taracena. 2006. *Contribución al estudio del vocablo “ladino” en Guatemala (siglo XVI-XIX)*. <[http://ress.afehc-historia-centroamericana.org/articles/portada\\_afehc\\_articulos30.pdf](http://ress.afehc-historia-centroamericana.org/articles/portada_afehc_articulos30.pdf)>. Consultado em 04/12/2012.

AVANCSO. *Dónde está el futuro?: Procesos de reintegración en comunidades de retornados*. <[http://repository.forcedmigration.org/show\\_metadata.jsp?pid=fmo:2815](http://repository.forcedmigration.org/show_metadata.jsp?pid=fmo:2815)>. Consultado em 30/06/2013.

BALANDIER, Georges. 1999. *O dédalo: para finalizar o século XX*. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.  
BATALLA, Guillermo Bonfil. 1990. *México profundo: una civilización negada*. México: Grijalbo.

CARDONA, Edgar. 2010. *Diagnóstico sobre la realidad de la juventud de Ixcán: en el contexto de acceso a la justicia y situación de violencia en comunidades rurales*.

Encuesta Nacional de Condiciones de Vida (ENCOVI). <<http://www.ine.gob.gt/np/encovi/>>. Consultado em 25/10/2013.

GRANDIN, Greg. 2004. *A Revolução Guatemalteca*. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: UNESP.

INE (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA). Censo poblacional de la república de Guatemala 2002. <<http://www.ine.gob.gt>>. Consultado em 10/09/2010.

MUÑOZ, Jorge Luján. 1998. *Breve historia contemporánea de Guatemala*. México: Fondo de Cultura Económica.

NONES, Adriana Ines. 2011. *Caderno de Campo*. Registro da pesquisa realizada no município de Ixcán, Quiché, Guatemala.

\_\_\_\_\_. Entrevistas de Campo. 2011. Documento em mídia digital. Ixcán, Guatemala.

NÚÑEZ, Isabel Rodas. *Identidades y la construcción de la categoría oficial 'ladino' en Guatemala*. <<http://www.dfid.gov.uk/r4d/PDF/Outputs/Inequality/wp29.pdf>>. Consultado em 01/02/2013.

PELÁEZ, Severo Martínez. 1994. *La patria del criollo: ensayo de interpretación de la realidad*. México: Ediciones en Marcha.

POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUD 2012-2020. <[http://www.segeplan.gob.gt/downloads/clearinghouse/politicas\\_publicas/Grupos%20Vulnerables/POLITICA%20DE%20JUVENTUD%202010%20CONJUVE-SEGEPLAN.pdf](http://www.segeplan.gob.gt/downloads/clearinghouse/politicas_publicas/Grupos%20Vulnerables/POLITICA%20DE%20JUVENTUD%202010%20CONJUVE-SEGEPLAN.pdf)>. Consultado em 13/12/2012.

RANGEL, Lucia Helena. 1999. *Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação*. <[www.interface.org.br/revista5/debates7.pdf](http://www.interface.org.br/revista5/debates7.pdf)>. P. 147-152. Consultado em 25/09/2010.

REAL, Ivette R. Vallejo. *Ixcán - configuraciones de una región*

*multiétnica: identidad, relaciones interétnicas y conflicto*. <<http://lanic.utexas.edu/project/laoap/cirma/biblioteca/ixcan.pdf>>. Consultado em 20/06/2013.

Ríos Montt, genocida en el nombre de Dios. <<http://www.voltairenet.org/article178841.html>>. Acesso em: 15/03/2014.

SABINO, Carlos. 2007. *Guatemala, la historia silenciada (1944 – 1989)*. Tomo II: Revolución y Liberación. Sección de Obras de Historia. Guatemala: Fondo de Cultura Económica.

Sectas “Cristianas” en Guatemala. <<http://foro.univision.com/t5/Cat%C3%B3licos/SECTAS-quot-CRISTIANAS-quot-EN-GUATEMALA/td-p/410039753>>. Consultado em: 15/03/2014.

URTEAGA CASTRO-POZO, Maritza. 2011. *Retos contemporâneos en los estudios sobre juventude*. <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=74722745002>>. Consultado em 01/08/2012.

\_\_\_\_\_. 2011. *Expresiones Culturales y Juventud*. <<http://ru.paraelfuturo.unam.mx:6060/bitstream/DifusionCultural/1016/3/His0702.pdf>>. Consultado em 01/08/2012.

\_\_\_\_\_. 2008. *Lo juvenil en lo étnico. Migración juvenil indígena en la sociedad contemporánea mexicana*. <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n4/dossie/pdf/ART9MaritzaUCPozo.pdf>>. Consultado em 10/09/2012.

VALENZUELA ARCE. 2005. *José Manuel. El futuro ya se fue: Juventud, educación y cultura*. <[http://abc.gov.ar/lainstitucion/revistacomponents/revista/archivos/anales/numero01-02/ArchivosParaImprimir/5\\_valenzuelaarce.pdf](http://abc.gov.ar/lainstitucion/revistacomponents/revista/archivos/anales/numero01-02/ArchivosParaImprimir/5_valenzuelaarce.pdf)>. Consultado em 10/12/2012.